

Populismo e jornalismo na apropriação da camisa da seleção brasileira de futebol por Jair Bolsonaro em 29 de junho de 2025

Populism and Journalism in Jair Bolsonaro's Appropriation of the Brazilian National Football Team's Shirt on June 29, 2025

Populismo y periodismo en la apropiación por parte de Jair Bolsonaro de la camiseta de la selección brasileña de fútbol el 29 de junio de 2025

CARLOS AUGUSTO DE FRANÇA ROCHA JÚNIOR

Doutor em Comunicação e Informação. Participou do IV Congresso Internacional Humanismo, Direitos Humanos e Cidadania, em Portugal e do 34º Encontro Anual da Compôs, no Brasil. Professor substituto e jornalista na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Integra o Núcleo de Comunicação Pública (Nucop) e o Observatório Brasileiro de Comunicação Pública (OBCOMP), vinculados à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

MURIEL FELTEN PINHEIRO

Participou do IV Congresso Internacional Humanismo, Direitos Humanos e Cidadania, em Portugal e do 11º Congresso da Compolítica. Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e integra o Núcleo de Comunicação Pública (Nucop) e o Observatório Brasileiro de Comunicação Pública (OBCOMP), vinculados à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Populismo e jornalismo na apropriação da camisa da seleção brasileira de futebol por Jair Bolsonaro em 29 de junho de 2025

Populism and Journalism in Jair Bolsonaro's Appropriation of the Brazilian National Football Team's Shirt on June 29, 2025

Populismo y periodismo en la apropiación por parte de Jair Bolsonaro de la camiseta de la selección brasileña de fútbol el 29 de junio de 2025

Carlos Augusto de França Rocha Júnior¹ y Muriel Felten Pinheiro²

¹ Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

carlosrocha.the@gmail.com (<https://orcid.org/0000-0001-5207-6689>)

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

feltenmuriel@gmail.com (<https://orcid.org/0000-0002-3878-3528>)

Recibido: 20-11-2025 / Aceptado: 27-05-2026

<https://doi.org/10.18800/conexion.202601.014>

RESUMO

O texto busca compreender como a camisa verde e amarela é retratada pelo jornalismo brasileiro, com foco no episódio da manifestação de 29 de junho de 2025. No eixo teórico estão o significante vazio de Laclau (2005), os elementos do populismo moderno de Rosanvallon (2020) e a comunicação pública a partir de Esteves (2011) e Weber (2017). O corpus da pesquisa é composto por sete publicações jornalísticas presentes nos portais de notícias G1, vinculado ao Grupo Globo; Poder 360, especializado em política; e Agência Brasil, focado em jornalismo público, no dia 29 de junho de 2025. A metodologia utilizada foi a análise de discurso crítica com as categorias de multimodalidade e

representação e evento social. Os resultados apontam que a cobertura jornalística situa a manifestação como parte do jogo democrático, mesmo que diante de propostas radicalizadas contra a democracia sintetizadas na figura de Jair Bolsonaro.

ABSTRACT

This text addresses the understanding of how the green and yellow shirt is portrayed by Brazilian journalism, focusing on the episode of the demonstration of June 29, 2025. The theoretical framework includes Laclau's (2005) empty signifier, Rosanvallon's (2020) elements of modern populism, and public communication based on Esteves (2011) and Weber (2017). The research corpus consists of

seven journalistic publications present on the news portals G1, linked to Grupo Globo; Poder 360, specializing in politics; and Agência Brasil, focused on public journalism, on June 29, 2025. The methodology used was critical discourse analysis with the categories of multimodality and representation and social event. The results indicate that the journalistic coverage situates the demonstration as part of the democratic process, even in the face of radicalized proposals against democracy synthesized in the figure of Jair Bolsonaro.

RESUMEN

Este texto analiza cómo el periodismo brasileño retrata la camiseta verde y amarilla, centrándose en la manifestación del 29 de junio de 2025. El marco teórico incluye el signifiicante vacío de Laclau (2005), los elementos del populismo moderno de Rosanvallon (2020) y la comunicación pública basada en Esteves (2011) y Weber (2017). El corpus de investigación consta de siete publicaciones periodísticas presentes el 29 de junio de 2025 en los portales de noticias G1, del Grupo Globo; Poder 360, especializado en política; y Agência Brasil, centrado en periodismo público. La metodología empleada fue el análisis crítico del discurso, con las categorías de multimodalidad, representación y acontecimiento social. Los resultados indican que la cobertura periodística sitúa la manifestación como parte del proceso democrático, incluso frente a las propuestas

radicalizadas contra la democracia sintetizadas en la figura de Jair Bolsonaro.

PALAVRAS-CHAVE / KEYWORDS /
PALABRAS CLAVE

Jornalismo, extrema-direita, populismo, análise de discurso crítica / journalism, far-right, populism, critical discourse analysis / periodismo, extrema derecha, populismo, análisis crítico del discurso

Introdução

O verde-amarelo da camisa da seleção brasileira de futebol, com o emblema da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), é uma marca comum nas manifestações políticas da extrema-direita brasileira. Sobre tudo durante a passagem de Jair Bolsonaro pela presidência (2019-2022), observa-se a adoção da camisa como uma marca que está presente na cobertura jornalística.

O artigo aborda as representações do jornalismo brasileiro a respeito do povo bolsonarista, identificado pela camisa da seleção brasileira de futebol. A proposta é de utilizar a cobertura da manifestação feita no dia 29 de junho por três portais brasileiros que representam diferentes segmentos da mídia do país: a Agência Brasil, agência pública de comunicação; o Portal G1, portal da grande mídia brasileira; e o portal Poder 360, especializado em política. O intuito é entender a democracia e a crise que ela enfrenta no contexto atual;

assim, é possível analisar em que medida elementos simbólicos são apropriados por políticos da extrema-direita para enfatizar sua presença no cenário público.

Para a análise a opção é por conceitos como populismo de Rosanvallon (2020) e Laclau (2005) no viés dos pressupostos da comunicação pública como qualificadora da democracia (Weber, 2017; Weber e Locatelli, 2023). Com a democracia e a crise que ela enfrenta no contexto atual em foco é possível demarcar o quanto um elemento simbólico como a camisa é apropriado por políticos da extrema-direita para enfatizar sua presença no cenário público.

A proposta passa por considerar as disputas ideológicas relacionadas a esta presença na cobertura jornalística e suas implicações em contar a história da manifestação de 29 de junho como estudo de análise de discurso crítica (ADC). O intuito é tratar em profundidade como os veículos se posicionam de forma a absorver ou repelir a extrema-direita, representada pelo bolsonarismo em suas páginas, especificamente a partir da noção de multimidialidade que une imagem e texto como material significante.

Na opção por evidenciar esses aspectos é possível demarcar o quanto o populismo atua para constranger o debate democrático em uma perspectiva notável pela comunicação pública como indicador de democracia. O trabalho dos veículos jor-

nalísticos representa um campo de batalha para o bolsonarismo a fim de mostrar uma pretensa adequação ao jogo democrático, em um simulacro, para defender as pautas mais radicais e até mesmo contrárias à democracia.

A última manifestação pública de Bolsonaro como objeto de pesquisa

O dia 29 de junho de 2025 foi a última oportunidade em que o ex-presidente Jair Bolsonaro (2019-2022) liderou suas costumeiras manifestações com políticos de extrema-direita (Band Jornalismo, 2025). Os acontecimentos posteriores envolvem o encarceramento do ex-presidente, já que, em 18 de julho, Jair Bolsonaro passou a usar tornozeleira eletrônica por coação, obstrução e atentado à soberania nacional no âmbito do inquérito aberto pela Procuradoria Geral da República (PGR) para apurar sua atuação contra a soberania nacional na taxação imposta pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump (Pontes, 2025), considerando que o ex-presidente atuou para submeter o funcionamento do Supremo Tribunal Federal (STF) ao crivo de outro Estado estrangeiro, por meio de atos hostis derivados de negociações espúrias e criminosas, com patente obstrução à Justiça e clara finalidade de coagir essa Corte.

A medida do Supremo Tribunal Federal, que incluía não se aproximar de sedes de embaixadas e consulados (Supremo Tribunal Federal, 2025a), foi confirmada

posteriormente (Supremo Tribunal Federal, 2025b) e em seguida convertida em prisão domiciliar (Supremo Tribunal Federal, 2025c). Bolsonaro foi condenado, em 11 de setembro, a uma pena de 27 anos e três meses de prisão, em regime inicial fechado na Ação Penal 2668 (STF, 2025), que abordou a tentativa de golpe de Estado em 8 de janeiro de 2023. O cumprimento da pena, no início de outubro de 2025, dependia de decisões judiciais sobre alegações da defesa e também havia incerteza sobre o local onde a pena seria cumprida em regime fechado (Richter, 2025).

A cena a ser retratada na cobertura jornalística consiste em aliados em um carro de som, vestidos de verde e amarelo, uma referência à bandeira brasileira e também à camisa da seleção brasileira de futebol. Na oportunidade, Bolsonaro discursou para 12,4 mil pessoas, menor presença de público em atos com Bolsonaro convocados em finais de semana, segundo dados do Monitor do Debate Político no Meio Digital, da Universidade de São Paulo (USP), e a ONG More in Common, diante de governadores como Cláudio Castro (PL-RJ), Jorginho Mello (PL-SC), Romeu Zema (Novo-MG) e Tarcísio de Freitas (REP-SP). A manifestação foi liderada por Silas Malafaia, da Igreja Assembleia de Deus, e pelo presidente do partido de Jair Bolsonaro, Valdemar da Costa Neto.

No discurso (Poder 360, 2025c), a cobertura jornalística registra que Jair Bolsonaro pediu apoio para formar uma bancada

parlamentar em 2026 no Congresso Nacional, na esteira da renovação de dois terços do Senado Federal e da maioria das cadeiras já conquistadas pelo PL em 2022. Além disso, há registros de críticas ao Supremo Tribunal Federal (STF) e ao governo federal por causa do processo judicial relacionado à tentativa do golpe de Estado em 8 de janeiro de 2023. Até a prisão domiciliar foram sete atos públicos feitos por Bolsonaro depois de ser derrotado nas eleições de 2022 por Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e na esteira da tentativa de golpe de Estado.

Entre os manifestantes, um ícone é fortemente presente como parte até mesmo de um “código de vestimenta”: a camisa da seleção brasileira de futebol da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Especificamente o primeiro uniforme, na cor amarela, é uma marca presente nas manifestações de apoiadores de Jair Bolsonaro, assim como na tentativa de golpe de Estado em 8 de janeiro de 2023. Em 2014, na esteira das eleições presidenciais daquele ano, a camisa amarela começou a ser usada como elemento de oposição a governos de centro-esquerda.

Nos anos seguintes, com o impeachment da presidente Dilma Rousseff em 2016 e a prisão de Luiz Inácio Lula da Silva em 2017, o uso da camisa como elemento de coesão foi consolidado, com o direcionamento do uso para a campanha de Jair Bolsonaro em 2018. A manifestação do dia 29 de junho foi mais uma entre as ma-

nifestações que passaram a ser realizadas desde que o Superior Tribunal Federal (STF) iniciou o processo de julgamento dos atos golpistas do dia 8 de janeiro.

Para abordar a cobertura jornalística do episódio, optou-se por publicações de três portais de notícias: o G1, vinculado ao Grupo Globo e com editoria especializada em política; o Poder 360, independente e focado na cobertura de poder com foco nas disputas políticas nacionais; e a Agência Brasil, agência pública de notícias focada na cidadania por meio do jornalismo digital que compõe a Empresa Brasil de Comunicação (EBC). Os portais promovem cobertura dos atos sem creditações de repórteres presentes no local, exceto a Agência Brasil, com assinaturas nas matérias como Redação “TV Globo” e “g1 SP” para G1, e “Poder 360” para Poder 360. No caso da Agência Brasil, a matéria é assinada por Elaine Patricia Cruz e as fotos por Rovená Rosa. As imagens do discurso do ex-presidente não possuem crédito em Poder 360, transmitido na íntegra, enquanto G1 tem imagens da Globo News, canal de notícias por assinatura do Grupo Globo, sem reprodução de trechos do discurso.

A opção de constituição do corpus desconsiderou análises de colunistas e também registros centrados em falas de aliados e adversários de Jair Bolsonaro a respeito do ato político, para priorizar apenas notícias do ato em si que conttenham falas relacionadas ao discurso do

ex-presidente e publicadas em 29 de junho. A prioridade é para representações noticiosas de Bolsonaro em que ele aciona representações particulares de si e de seus apoiadores de forma ideológica para manter a coesão do grupo.

Com isso a seleção está focada nas notícias de G1 com os seguintes títulos: “Em ato na Paulista, Bolsonaro se defende de acusações e pede apoio para eleger 50% do Congresso” (TV Globo e g1 SP, 2025) e “No ápice, ato com Bolsonaro na Av. Paulista reuniu 12,4 mil pessoas, segundo metodologia da USP” (g1, 2025). Em Poder 360 foram selecionadas as seguintes matérias: “‘Jamais passaria faixa a um ladrão’, diz Bolsonaro em ato na Paulista” (Poder 360, 2025b), “Nem preciso ser presidente, diz Bolsonaro na av. Paulista” (Poder 360, 2025a), “Bolsonaro reúne 12.400 em ato na avenida Paulista, dizem USP e ONG” (Poder 360, 2025d), “Leia e assista à íntegra do discurso de Bolsonaro em ato em São Paulo” (Poder 360, 2025c). Na Agência Brasil o título selecionado para a análise é “Ato em SP reúne apoiadores de Bolsonaro contra julgamento no STF” (Cruz, 2025).

As escolhas atendem ao propósito de apontar como está retratado na cobertura jornalística que Bolsonaro e seus apoiadores estão unidos ideologicamente pelo discurso na manifestação e como a cobertura jornalística lida com esta unidade ideológica. A escolha também busca compreender como diante destas falas ideoló-

gicas e radicalizadas há posições possíveis de assimilação, rejeição e ignorância como parte do trabalho jornalístico. Ao abordar o jornalismo e a política como discurso, é possível demarcar a construção de relações de poder que têm a possibilidade de fortalecer e de enfraquecer a democracia.

Comunicação pública como indicador de democracia e o populismo

Os conceitos basilares da comunicação pública são acionados para alcançar um dos objetivos da pesquisa, que é analisar a comunicação como indicador de qualidade da democracia, a partir da comunicação estabelecida pelos portais jornalísticos. Contudo, é preciso também compreender de que forma o grupo de partidários bolsonaristas, identificado pela camisa da seleção brasileira de futebol, é retratado pela imprensa. Para isso, é necessário retomar os conceitos que fundamentam o argumento do presente artigo, considerando a relação entre comunicação pública, democracia e populismo.

Comunicação pública é a área de conhecimento que trata da interação entre Estado, mídia e sociedade sobre temas de interesse público no que Esteves (2011) pontua como relação intrínseca entre espaço público e opinião pública para a relevância social. A comunicação pública atua “como que um efeito estruturante

sobre outras práticas comunicacionais e simbólicas” (Esteves, 2011, p. 146). As evoluções das sociedades modernas são marcadas pelas mudanças ocorridas em relação aos públicos que as constituem, e, assim, pode-se dizer que a comunicação realizada no espaço público pela (ou para a) opinião pública assume lugar central do ponto de vista da epistemologia e prescinde, em termos sociais, de outros tipos de comunicação.

Para Weber (2017), a comunicação pública é um dos fatores fundamentais para o processo democrático, que indica a sua qualidade, com o espaço público como o local de ordenamento coletivo. A comunicação pública é, então, uma ferramenta de debate entre membros desse espaço para a formação e a veiculação da opinião dos públicos sobre assuntos de interesse público, baseados em informação e participação, que são obtidos por processos de visibilidade e acessibilidade. É a comunicação das democracias, pois, conforme a autora, “abriga o conceito e a práxis capazes de imprimir qualidade às democracias” (Weber, 2017, p. 23).

O interesse público tem papel fundamental na comunicação pública, no que Weber (2017) classifica como discussões em três dimensões: normativa, fática e crítica. A dimensão normativa remete ao ideal republicano da busca pelo bem comum de ética na política, com foco na emancipação social. Já a dimensão fática diz respeito à visibilidade das ações de projetos

políticos, políticas públicas que mostram a governabilidade em ação. Na dimensão crítica, ocorrem os pactos e as disputas próprios da democracia, ampliando o interesse público em benefício da cidadania ou reduzindo-o a interesses privados. Por essa razão, a dimensão crítica atua com a função de vigilância do Estado, para que se cumpra o objetivo em benefício do interesse público.

Especificamente sobre a normatividade, cabe destacar que ela sustenta o que se espera do processo democrático. Ao analisar as sete dimensões da democracia, propostas por Mendonça (2018), é possível perceber que é por meio da comunicação que as bases de cada dimensão são assentadas. Weber e Locatelli (2023) desenvolvem essa correlação para trazer robustez ao caráter qualificador da democracia, atribuído à comunicação pública. Na primeira dimensão, *autorização popular*, que se refere ao pleito eleitoral, o teor comunicativo da publicização das ideias dos candidatos constitui um elemento fundamental para a viabilidade do processo eleitoral. Outras dimensões, como *participação e autogoverno*, reforçam este caráter ao tratar da participação dos cidadãos não só nas eleições, mas também em debates sobre a vida cívica, como é o caso dos colegiados civis nas estruturas governamentais. *O monitoramento e a vigilância sobre o poder político* abordam o papel da opinião pública como fiscalizadora das decisões políticas e se faz presente por meio

das comunicações da imprensa, a partir da visibilidade sobre temas de interesse público. Já a dimensão *competição política e pluralismo* considera que a comunicação pública deve atuar na separação entre a política do Estado e o projeto de governo, ou seja, a política institucional e a partidária e pessoal.

A comunicação pública, pela dimensão *promoção da igualdade*, influencia diretamente todo o processo democrático, já que a comunicação realizada entre Estado, cidadãos e imprensa deve ser capaz de promover visibilidade às pautas de grupos minorizados e ao combate a todo tipo de discriminação. Já a dimensão *discussão e debate de opiniões* constitui o ponto central de sustentação da democracia pela comunicação pública. Na ordem normativa, a comunicação pública deve produzir informações de qualidade e promover o debate plural de ideias (Weber e Locatelli, 2023, p. 226). E, por fim, a dimensão da *defesa do bem comum* relaciona-se intrinsecamente com a comunicação pública, já que “a comunicação pública voltada para atender esta dimensão relaciona-se à visibilidade e à amplitude que dá aos temas e processos políticos que afetam todos os cidadãos em cada momento, especialmente os mais relevantes e urgentes” (Weber e Locatelli, 2023, p. 228).

Nesse contexto, o papel do jornalismo torna-se essencial para que o funcionamento da comunicação pública a torne,

de fato, qualificadora da democracia. Os sujeitos da esfera pública que se organizam em redes de comunicação buscam promover, desenvolver ou incidir sobre as decisões a respeito dos temas de interesse público. Contudo, a retórica em torno do interesse público pode mascarar a presença de interesses privados, como a promoção pessoal de políticos, privilégios para familiares e pessoas próximas, ganhos financeiros, poder e manipulação de grupos, etc.

O jornalismo precisa lidar com o desafio de reafirmar sua autoridade epistemológica diante da desinformação, como aponta Reese (2022) ao tratar da noção de sistema de mídia híbrido com fronteiras dinâmicas e fluidas, além de lógicas antigas e novas em integração e fragmentação. O jornalismo está em mudança e cada vez acionado como construção de conhecimento como “continuum” debruçado sobre o presente. Nesse sentido, Franciscato (2023) aponta para um processo de transformação e complexificação da instituição jornalística impulsionada pela instantaneidade e a simultaneidade como parte da construção social do “tempo presente”.

O jornalismo tem um papel fundamental na mobilização de antagonismos. Para Miguel (2017) o antagonismo é irrevogável quando se trata dos grupos envolvidos em temas de interesse público. O autor defende que essa é a principal causa de desconforto com a própria política, já que

a harmonia acaba sendo o resultado almejado pelas utopias e mitos construídos em torno do social e, da mesma forma, é a marca das distopias — vide 1984, de George Orwell. Maquiavel é acionado para lembrar que o conflito é o indício de que há liberdade e que, sendo assim, o antagonismo pode ocorrer dentro ou fora da institucionalidade, e leva muitas vezes à derrota de um dos lados.

Para os grupos dominados, os espaços políticos de ação acabam sendo brechas, conquistadas com embates em terrenos desfavoráveis, mas, ainda assim, demarcando sua existência. Sobre tudo quando ocorre fora da institucionalidade, a forma de ação política dos dominados acaba sendo de negação do presente e não da proposta de uma nova realidade, o que, para Miguel (2017), faz parte da dinâmica de conflitos dentro do jogo político, já que a maioria das mudanças iniciou justamente em um processo de negação do presente, e não na proposta de um projeto futuro.

A noção de antagonismo é a raiz da compreensão sobre populismo. Mesmo divergindo quanto à natureza do conceito — para Laclau (2005), populismo é uma lógica política, já para Mudde (2021) é uma ideologia, e Moffit (2016) o relaciona a um estilo político, por exemplo —, o conceito sobre o tema está calcado na ideia de povo *versus* elites e a vontade geral. Ao longo da história política, a definição de povo e de elites foi mudando.

No populismo clássico do século XX havia a ideia de um antagonismo social, com a luta de classes colocando em lados opostos a classe trabalhadora e a elite econômica. Hoje o populismo que ressurge em meio à comunicação digital é permeado pelo componente moral (Pinheiro, 2021), em que a ideia de um grupo homogêneo que se opõe ao grupo dominante ou, nas palavras de Laclau (2005), que ameaça a sua existência harmoniosa, segue sendo um traço marcante das sociedades contemporâneas.

Ao considerar a América Latina, cabe pensar na leitura de Waisbord (2013) na qual o populismo é uma ideia que se recusa a ir embora com a elaboração de sua face como neopopulismo em dimensões multifacetadas que garantem a sobrevivência como “estilo político” no século XXI. Para Bachini et al. (2023), a sobrevivência do populismo na América Latina atual reside nas lideranças de extrema-direita focadas em comunicação digital para alcançar resultados eleitorais. É um cenário em que o populismo emerge da crise da representação política vinculada à ordem neoliberal e se apropria das mídias sociais para amplificar as ideias do líder populista e alcançar vitórias eleitorais.

De la Torre (2019) aborda o populismo do século XXI apontando que não há nos populistas uma limitação na concepção de política por normas autolimitadoras ou marcas de instituições e normas:

Sob o populismo, um líder age como se ele ou ela personificasse a vontade do povo e pudesse conduzi-lo à redenção. Os populistas concentram poder e reduzem os espaços institucionais da oposição sob os pressupostos de que os inimigos conspiram constantemente (De la Torre, 2019, p. 42).

Neste aspecto há diferentes atores políticos na América Latina retratados pelo autor, como Jair Bolsonaro.

O destaque na compreensão do populismo é a cristalização das relações de equivalência em torno de uma identidade popular em que o que era a mediação das demandas agora está relacionado a elas. Para que uma identidade popular se forme, é necessário que a pluralidade de demandas seja condensada em torno de palavras, imagens e (ou) símbolos que remetam à cadeia equivalencial como um todo. Quanto mais difundida é a cadeia, menos ligados estarão a esses significantes e às suas demandas privadas originais, por isso, a construção de uma identidade popular é um significante vazio. É o que ocorre no caso do bolsonarismo, em que diferentes demandas, como as moralistas, relacionadas à segurança e à defesa do capital, se tornam parte da cadeia de equivalências que forma o grupo considerado totalizante da população (Laclau, 2005, p. 97).

A noção de significante vazio, ou seja, o símbolo que condensa as equivalências e as simboliza utilizando o componente

afetivo, pode ser tangibilizada a partir de elementos que representam a cadeia equivalencial. O líder populista é o significativo vazio principal, aquele que carrega todas as demandas da cadeia, algo como o que Rosanvallon (2020) chama de “homem-povo”, ou seja, o ator político que corporifica o povo totalizante. Assim, não é possível haver um movimento populista sem um líder. O líder é despersonalizado, representante, totalmente absorvido em sua funcionalidade, o puro órgão do populismo. Não é só um representante delegado, mas, no sentido figurado, dá rosto e forma ao povo (Rosanvallon, 2020). Para criar uma vontade coletiva a partir de demandas heterogêneas, surge um personagem capaz de representar a unidade.

O autor elenca outras quatro características. O *povo uno* refere-se à homogeneização do povo populista; o *nacional-proteccionismo*, definido pela valorização da pátria e rechaço à globalização, tendo como consequência a exclusão do pluralismo, muitas vezes identificado a partir da imigração; a *democracia direta*, ou seja, que dispensa a imprensa e as instituições para promover uma ligação direta entre líder e povo, cenário em que as redes sociais digitais ganham protagonismo e favorecem a ascensão e consolidação do populismo; e o *regime de paixões e emoções*, com emoções de posição (ressentimento e distanciamento), intelectuais (tendência em acreditar em teorias da conspiração) e de ação (violência).

É o que Paulino e Waisbord (2021) classificam como “populismo reacionário”: “La proliferación de formas opuestas de determinación de la realidad en Internet facilita la consolidación y popularización de aspectos centrales de los populismos: su visión de la verdad como una cuestión partidaria, ideológica e identitaria” (Paulino e Waisbord, 2021, p. 39). São estratégias voltadas para explorar o dualismo entre “povo” e “elite”, amplificando a mensagem do líder populista. No cenário do século XXI, De la Torre (2019) ressalta a concentração de poder e a redução de espaços institucionais de oposição a partir de uma ideia de “sensibilidade” do líder aos problemas do povo.

O chamado “povo bolsonarista” pode ser compreendido como a coalização de demandas heterogêneas em torno da cadeia de equivalências, conformando o povo uno de Rosanvallon (2020). O discurso de Jair Bolsonaro opera em um deslocamento da pauta política para um embate moral, em que os problemas sociais e políticos estão relacionados à degradação dos valores tradicionais (Maitino, 2020). Com isso, foi capaz de reunir em torno de si diferentes núcleos conservadores, principalmente os relacionados ao empresariado, aos religiosos e simpatizantes do militarismo, conectando as diferentes demandas desses grupos em torno da ideia do “cidadão de bem”.

O antagonismo é acionado em inimigos de diferentes vertentes, associados ao

antipetismo e ao anticomunismo, às críticas ao sistema eleitoral, aos meios de comunicação tradicionais e a organizações de defesa de grupos minoritários. Suas falas incentivam a exclusão e até a eliminação do outro do sentido de povo, operando uma retórica que não apenas expressa a polarização, mas a reproduz e intensifica continuamente, e assume características de tendência fascista (Tavares, 2025, p. 13).

A ampla gama de demandas que forma o povo bolsonarista em oposição a diferentes inimigos permitiu a diversificação de seus seguidores, configurando-se como apoiadores desde homens que flertam com o retorno da ditadura militar até votos “envergonhados” motivados pelo antipetismo, passando por mulheres que não se sentem representadas pelo feminismo, liberais defensores da meritocracia e moradores de periferia preocupados com a violência urbana (Kalil, 2018). O estilo despojado e o uso estratégico da comunicação digital chamaram a atenção dos jovens, que receberam o discurso da extrema-direita como uma novidade na política, muito embora seu discurso não seja novo no cenário brasileiro. Ao contrário, os valores moralistas estão profundamente enraizados na história da sociedade brasileira e apenas estavam dispersos no tecido social até a chegada de Bolsonaro, que conseguiu aglutinar as forças conservadoras e transformá-las em força política (Maitino, 2020).

Análise de discurso crítica como ferramenta de verificação

O estudo é focado em como o discurso constitui um momento como parte da prática social com significado ancorado na linguagem. Trata-se ao mesmo tempo do acionamento de estruturas semióticas e sociais, no que elas possuem de estáveis e da flexibilidade de eventos comunicativos como ferramentas para a produção textual marcada pela criatividade. Neste aspecto, a análise de discurso crítica (ADC) concentra-se no discurso como prática social relacional e não como textos isolados marcados exclusivamente pela linguagem.

Além disso, o discurso engendra uma relação dialética entre a estrutura social e a prática social: “O discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis: pela classe e por outras relações sociais em um nível societário, pelas relações específicas em instituições particulares” (Fairclough, 2001, p. 91). O autor aponta que o discurso consiste em uma prática como representação e significação do mundo como estrutura social, a que molda e restringe o próprio discurso.

Para Vieira e Resende (2016), o discurso é um momento integrante e irreduzível das práticas sociais que envolve a semiose em articulação com os demais momentos da prática, o que o deixa mais abstrato como momento da prática social associado à linguagem e mais concreto na representa-

ção da experiência no mundo: “Nas práticas sociais, a linguagem se manifesta como discurso: como uma parte irreduzível das maneiras como agimos e interagimos, representamos e identificamos a nós mesmos, aos outros e a aspectos do mundo por meio da linguagem” (Vieira e Resende, 2016, p. 17). A prática social interessa, em especial, pelo seu caráter recorrente e situado no tempo e no espaço, no que se trata de intermediar o abstrato das estruturas e o concreto dos eventos.

Na análise de discurso crítica interessa, em particular, a investigação da linguagem no contexto do poder para demarcar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, construída e legitimada pelo uso do discurso. Daí advém as categorias utilizadas para a análise como ferramentas para investigação de problemas sociais presentes no texto como unidade mínima de análise em condições de produção, distribuição e consumo em meio a práticas sociais situadas. Vieira e Resende (2016) ressaltam que as categorias linguísticas não se justificam em si mesmas, mas no que permitem compreender sobre o funcionamento social da linguagem. São abordagens para mapear conexões entre escolhas de atores sociais ou grupos e questões sociais mais amplas sobre as quais se refletem aspectos de poder. As questões são apresentadas no quadro síntese a seguir (Tabela 1).

Em cada análise, busca-se identificar modos particulares de interagir, relacionar-

-se, representar e identificar-se em práticas sociais de forma parcial e subjetiva. Os textos oferecem pistas para a compreensão das práticas sociais investigadas em sua articulação e interiorização por meio de escritos e imagens. Neste aspecto, as categorias são filtros que permitem demarcar as relações de poder por meio de falas e atitudes que acionam compreensões sobre o mundo em embates pela hegemonia, como poder transitório, presentes nele.

A camisa em análise na cobertura jornalística

O desenvolvimento da análise está focado em atender ao objetivo proposto com desdobramentos em três camadas do acontecimento: a relação entre a camisa e o populismo, a cobertura midiática da manifestação e sua representação e o impacto da dinâmica de cobertura da imprensa sobre a manifestação na comunicação pública e na qualidade da democracia. A opção por este caminho representa o foco na comunicação pública como indicador de democracia nas representações da camisa, e seus donos, nos acionamentos realizados pelos veículos de informação.

A partir da noção de relações de equivalência para a formação da unidade de grupo expressa por Laclau (2005), a camisa é considerada símbolo de unificação desse grupo como um corpo homogêneo em torno do líder populista, neste caso Jair Bolsonaro. É um enquadramento em que

Tabela 1

Questões a serem apresentadas em cada uma das categorias sobre o corpus

Questões a serem apresentadas em cada uma das categorias sobre o corpus:	
Multimodalidade	Como a imagem demarca relações de poder? De que forma a imagem representa uma reivindicação em comum e totalizante, ou particularizada? Como a imagem demarca o viés ideológico daqueles retratados ali como grupo social? Quais os reflexos desta imagem na representação deste grupo como grupo político?
Representação dos atores sociais	Como os atores sociais são representados (ativado/ passivado, pessoal/impessoal, nomeado/classificado, específico/ genérico)? Quão abstrata ou concretamente os atores sociais são representados em sua participação no evento? Que elementos de determinados atores sociais são incluídos ou excluídos e dos elementos incluídos quais são os mais salientes?

ele personaliza todas as demandas e se relaciona com elas, sendo o significante vazio onde a pluralidade de pautas bolsonaristas é neutralizada para o surgimento de uma bandeira única em torno do líder. Na concepção de povo bolsonarista, representada pela camisa no contexto das manifestações, encaixadas no legítimo povo brasileiro aqueles que se encaixam em um perfil específico: o cidadão médio, que trabalha e paga seus impostos, cristão, cisgênero e branco.

Há o enquadramento de quem concorda com as pautas do espectro político, entre elas o armamento da população, o combate ao aborto, o arrefecimento das forças de segurança, os valores morais conservadores, entre outros temas que se unem em demandas equivalentes, termo cunhado pelo próprio Laclau (2005), também integra essa noção de povo. De acordo com a teoria de Laclau, o ponto de unificação das demandas populares para a formação da cadeia de equivalências tem origem nos afetos, ou seja, a passionalidade é o motor da formação da identidade de um grupo. Em síntese, a relação entre demandas aparentemente plurais não está baseada na racionalidade, pressuposto da política liberal e republicana.

A definição das cinco características do populismo moderno proposta por Rosanvallon (2020) nos permite analisar o espectro bolsonarista dentro da compreensão do populismo porque ali encontram-se todos os elementos que o constituem, e a

camisa da seleção perpassa a simbologia de todos. Ela representa a identificação do líder com seu povo, ao mesmo tempo em que demonstra que o povo é um só, defendendo as mesmas pautas, mesmo que inicialmente cada indivíduo ali presente tenha se unido ao grupo por motivações diferentes. O nacional-protecionismo é um símbolo em si, ou seja, a camisa denota que aquele grupo representa a própria nação, o que indica que aqueles indivíduos fora do povo totalizante não são considerados parte da pátria. A democracia direta, que dispensa os representantes e descredibiliza as eleições, está presente na pauta das manifestações, ou seja, a reivindicação dos bolsonaristas pelo direito à destruição das instituições que fazem a mediação entre o Estado e a sociedade, e na própria estratégia de comunicação da manifestação e da disseminação das pautas bolsonaristas, que circulam em aplicativos de mensagens privados e redes sociais, em uma interação entre perfis pessoais e de produtores de conteúdo que corroboram com as opiniões políticas daquele público, sem espaço para o divergente. E o regime de paixões e emoções é o vetor das manifestações, considerando as emoções e afetos mobilizados para a adesão e engajamento do público ao chamado do líder populista. As emoções de posição, definidas por Rosanvallon (2020), podem ser identificadas pelo ressentimento que o povo bolsonarista sente em relação aos movimentos políticos, sociais e ideológicos ocorridos no Brasil nos últimos anos, notadamente o avanço do campo pro-

gressista, assim como a sensação de distanciamento em relação à classe política, acusada de tomar decisões sem levar em conta as demandas do povo, com o aditivo da atmosfera de desconfiança gerada por inúmeros casos de corrupção. As emoções intelectuais a que o autor se refere estão presentes na disseminação de informações falsas ou distorcidas, como o boato (Pacheco e Prata, 2024) de que os invasores dos prédios dos três poderes em 8 de janeiro eram infiltrados do PT e de que uma idosa teria falecido no local onde os presos pelos ataques estavam detidos. E as emoções definidas por Rosanvallon como “de ação” estão expressas no próprio ato de invasão dos prédios dos três poderes, movidos por sentimentos de ódio e de pertencimento, que levam a uma atitude radical.

O símbolo utilizado pelo líder, como a camisa da seleção, funciona como um significante vazio conforme a definição de Laclau (2005) para o termo na medida em que promove a identificação com o povo e simboliza as expectativas depositadas nele. Sob esse aspecto, a mesma imagem pode aglutinar valores e significados diferentes para refletir o sentido de um grupo totalizante, como a camisa que sintetiza a virada política ocorrida no Brasil na última década. Antes uma representação da mobilização da torcida pelo futebol brasileiro, sobretudo em Copas do Mundo, a camisa hoje simboliza a aspiração do grupo social que se posiciona como a totalidade do povo a uma sociedade em que a pluralidade seja limada, o que se traduziria na uto-

pia harmoniosa da dominação. Ao vestir a camisa, o indivíduo tem a expectativa de que ali seja vista sua preferência política e os ideais que defende, em consonância com o grupo ao qual pertence. O conceito de Laclau (2005) refere-se à totalização do povo brasileiro a partir da identificação de um grupo, ocorrida em torno do significante vazio, o que de fato ocorre no Bolsonarismo a partir do vínculo formado entre os bolsonaristas pela representação da camisa da seleção brasileira em torno de Jair Bolsonaro. Ao vestir a camisa, o grupo se apropria da nação, vinculando-a ao que seria o legítimo povo brasileiro, ou o povo totalizante do populismo. Assim, o símbolo imagético da camisa da seleção brasileira, especialmente quando utilizado em manifestações, dá concretude a essa intenção, criando uma relação de diferenciação com os cidadãos que estão fora da cadeia equivalencial simbolizada pela camisa e que formam o corpo da própria nação (Laclau, 2005). Nesse sentido, o conceito de não-povo populista, que Incisa (1998) apresenta como uma nova forma de pensar o populismo, ou seja, “o ‘não-povo’ é tudo o que é extrínseco a um povo histórica, territorial e qualitativamente determinado” (Incisa, 1998, p. 992).

A mídia e a cobertura na manifestação

Considerando as imagens selecionadas para a análise, publicadas na cobertura jornalística, cabe destacar a relação de poder entre Jair Bolsonaro e seus segui-

dores. Tal relação vai estar mais explicitada, com Bolsonaro em um plano superior em relação aos manifestantes; ou menos, com Bolsonaro suprimido das imagens e o foco nos manifestantes ou todos eles enquadrados de forma a não serem distinguidos com facilidade. As reivindicações estão unidas em torno de um ponto imagético comum, a camisa da seleção brasileira de futebol, representada na cobertura jornalística nos tons da bandeira nacional como ponto de coesão sobre os manifestantes.

Ao considerar os três veículos de imprensa é possível demarcar três tipos de imagem: as que retratam áreas, as que retratam grupos e as que são focadas no líder. São abordagens particulares por parte da imprensa a respeito da manifestação e que posicionam o público participante em relação ao seus líderes, que discursaram em um carro de som em particular. As escolhas demarcam relações de poder, sejam dos ali retratados como também de quem faz as opções em relação ao público que tem acesso àquele material jornalístico.

No G1, as relações de poder acabam por ficar mais esmaecidas, por meio de várias imagens aéreas que tomam os manifestantes em conjunto de forma a não distinguir feições em particular. Apenas pontos verde-amarelos são as marcas representativas dos participantes, como parte de uma massa amorfa unida pela proximidade física na contagem de público em que são situados como parte da manifestação.

Neste aspecto, G1 enquadra a manifestação como parte da democracia, em que os ali reunidos compartilham o mesmo viés ideológico representado pela camisa da seleção brasileira de futebol e suas variações (Figura 1).

Apenas uma imagem do portal G1 traz os manifestantes de forma mais próxima e demarca de forma mais clara o viés ideológico, com as pessoas trajando verde e amarelo com uma bandeira do Estado de Israel e dos Estados Unidos na imagem. É uma abordagem semelhante à da Agência Brasil em que manifestantes vestem verde e amarelo observando Jair Bolsonaro discursando em um palanque em uma imagem editada em que foi retirada uma placa que dizia: “Os 213 milhões de tiranos querem saber: já podemos pedir o impeachment da min. Cármen? ou esperamos o senado?” [sic]. São imagens com o viés ideológico mais demarcado, em que as camisas dividem espaço com o apoio a outros países governados pela extrema-direita e com mensagens radicalizadas contra a democracia brasileira (Figura 2).

Por sua vez, a escolha do Poder 360 é focada no líder da manifestação, Jair Bolsonaro. Em diferentes poses ele reflete o verde e amarelo da multidão. Na prática, Bolsonaro é retratado como metonímia do grupo, em que a representação imagética total daqueles que protestam é sintetizada na figura dele em observação a outros partidários, discursando e olhando os manifestantes. É uma visão totali-

Figura 1

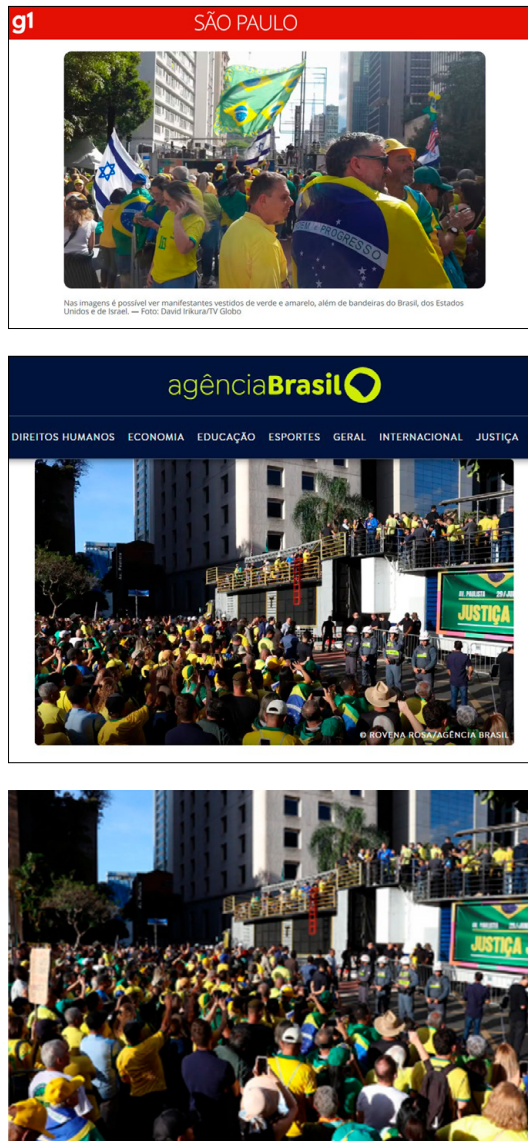
Imagens utilizadas pelo G1 para a cobertura da manifestação



Nota. Do Em ato na Paulista, Bolsonaro se defende de acusações e pede apoio para eleger 50% do Congresso, por TV Globo e g1 SP, 29 de junho de 2025, G1 (<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/06/29/ato-avenida-paulista-domingo.ghtml>); e No ápice, ato com Bolsonaro na Av. Paulista reuniu 12,4 mil pessoas, segundo metodologia da USP, por g1, 29 de junho de 2025 (<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/06/29/no-apice-ato-com-bolsonaro-na-av-paulista-reuniu-mais-de-12-mil-pessoas-segundo-metodologia-da-usp.ghtml>), com edição dos autores.

Figura 2

Imagens do G1 e da Agência Brasil nas versões editada e original



Nota. Do Em ato na Paulista, Bolsonaro se defende de acusações e pede apoio para eleger 50% do Congresso, por TV Globo e g1 SP, 29 de junho de 2025, G1 (<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/06/29/ato-avenida-paulista-domingo.ghtml>); Ato em SP reúne apoiadores de Bolsonaro contra julgamento no STF, por E. P. Cruz, 29 de junho de 2025, Agência Brasil (<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2025-06/ato-em-sp-reune-apoiadores-de-bolsonaro-contra-julgamento-no-stf>); e Flickr, com edição dos autores.

zante em que a imagem do líder sintetiza os anseios do grupo em sua compreensão enviesada de democracia, que prevê a anistia para tentativa de golpe de Estado (Figura 3).

A camisa, neste caso, não é só um elemento de unidade que remete ao conjunto da população. Trata-se de um elemento de representação que situa aqueles que a vestem como os legítimos brasileiros como grupo político. É uma relação discursiva em que a imagem não traduz o radicalismo da manifestação, mas a situa em um conjunto de manifestações democráticas, por mais que os pontos de radicalização ali estejam presentes em bandeiras, faixas e, sobretudo, na visão da camisa verde e amarela, que remete à seleção brasileira de futebol como símbolo bolsonarista.

Quanto à representação dos atores sociais, a representação dos envolvidos na manifestação varia pouco entre os portais selecionados. Bolsonaro é a figura central representada de modo ativo na maioria das publicações. As exceções são as matérias “No ápice, ato com Bolsonaro na Av. Paulista reuniu 12,4 mil pessoas, segundo metodologia da USP”, do G1 (g1, 2025); e “Ato em SP reúne apoiadores de Bolsonaro contra julgamento no STF”, da Agência Brasil (Cruz, 2025), nas quais o centro é deslocado de Bolsonaro para os manifestantes. De toda forma, o ex-presidente é representado de forma pessoal, enquanto os seus apoiadores são impessoalizados.

Esta representação passiva dos manifestantes, no G1 e no Poder 360, em uma massa de 12 mil pessoas aproximadamente, que se reuniram no Museu de Arte de São Paulo (Masp), é construída a partir da contagem de pessoas que estão com a camisa verde e amarela. Por meio de *software* de inteligência artificial há um levantamento que busca dimensionar os manifestantes, sem demarcar nenhuma característica particular, além da presença na manifestação com a camisa. Inclusive as imagens apresentadas nas matérias corroboram esta representação anonimizada dos participantes da manifestação, com foco na camisa verde e amarela (Figura 4).

Com isso, apesar da presença física no evento, a representação dos manifestantes é baseada em uma abstração, em que eles pouco participam, mesmo que tragam consigo mensagens radicalizadas como no pedido de intervenções de Estados estrangeiros na democracia brasileira e também de impedimentos de ministros da suprema corte. Esta abstração também é realizada pela Agência Brasil, porém demarcando pelo menos uma atitude radicalizada dos apoiadores de Bolsonaro que é o grito de “mito”. Contudo, é uma representação isolada a respeito da concretude dos manifestantes.

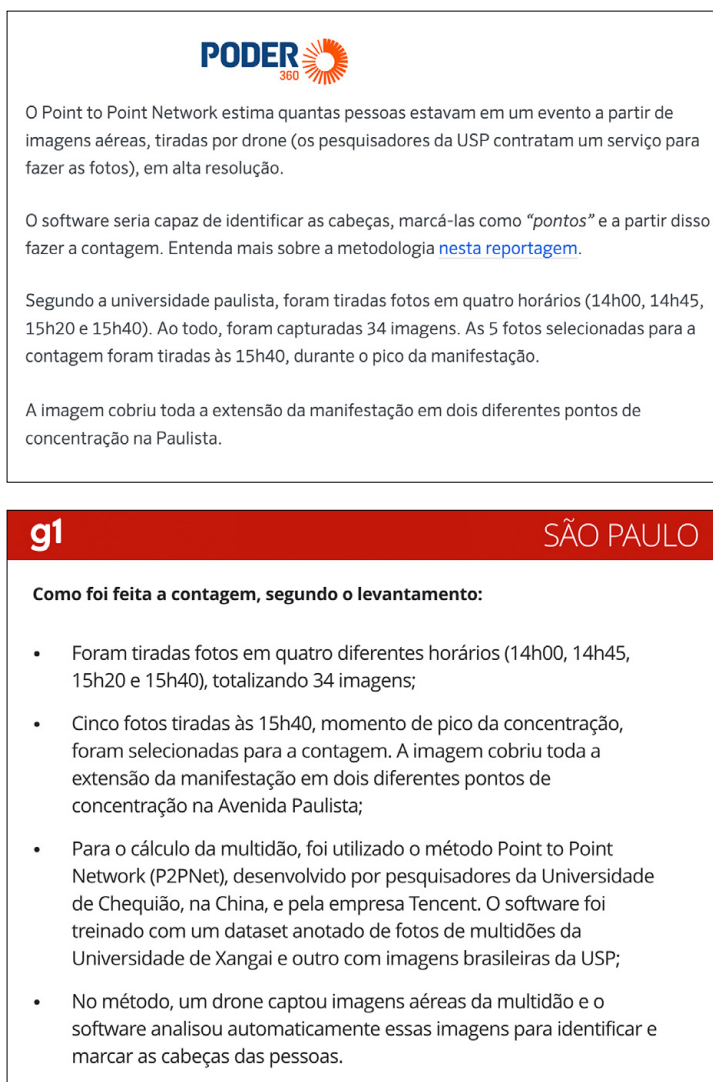
Mais concretamente, estão representados os atores participantes da manifestação com cargos públicos, sobretudo o ex-presidente Jair Bolsonaro. Em lista, há

Figura 3
Imagens de Poder 360 com foco em Bolsonaro



Nota. Do "Jamais passaria faixa a um ladrão", diz Bolsonaro em ato na Paulista, por Poder 360, 29 de junho de 2025b (<https://www.poder360.com.br/poder-eleicoes/jamais-passaria-faixa-a-um-ladrao-diz-bolsonaro-em-ato-na-paulista/>); Leia e assista à íntegra do discurso de Bolsonaro em ato em São Paulo, por Poder 360, 29 de junho de 2025c (<https://www.poder360.com.br/poder-brasil/leia-e-assista-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-em-ato-em-sao-paulo/>); e Nem preciso ser presidente, diz Bolsonaro na av. Paulista, por Poder 360, 29 de junho de 2025a (<https://www.poder360.com.br/poder-brasil/nem-preciso-ser-presidente-diz-bolsonaro-na-av-paulista/>), com edição dos autores.

Figura 4
Poder 360 e G1 na descrição de como contaram os manifestantes



Nota. Do Bolsonaro reúne 12.400 em ato na avenida Paulista, dizem USP e ONG, por Poder 360, 29 de junho de 2025d (<https://www.poder360.com.br/poder-brasil/bolsonaro-reune-12-400-em-ato-na-avenida-paulista-diz-usp/>); e No ápice, ato com Bolsonaro na Av. Paulista reuniu 12,4 mil pessoas, segundo metodologia da USP, por g1, 29 de junho de 2025 (<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/06/29/no-apice-ato-com-bolsonaro-na-av-paulista-reuniu-mais-de-12-mil-pessoas-segundo-metodologia-da-usp.ghml>), com edição dos autores.

um contraste claro entre o olhar genérico para os manifestantes, resumidos a 12 mil presentes, e os nomes de governadores, senadores e deputados que acompanham Jair Bolsonaro na manifestação. É um evidenciamento para demarcar um campo político e o alinhamento ideológico entre os políticos, mas que reforça também como eles se posicionam em relação a este público mais amplo.

A inclusão dos cargos que ocupam é um ponto forte da demarcação da presença desses políticos na institucionalidade democrática, porém, sem uma ênfase crítica no teor de seus discursos, o que acontece é uma normalização dos pleitos bolsonaristas por não punição para os golpistas de 8 de janeiro e a intervenção dos governos de outros países na democracia brasileira (Figura 5).

A representação de Jair Bolsonaro é mais demarcada com os pleitos dele em relação à sua carreira política sem uma abordagem crítica destes pedidos, como não ser processado e a eleição de partidários nas eleições gerais de 2026. Os três portais representam Jair Bolsonaro como um ator legítimo do jogo democrático sem contraponto das falas naquilo que elas representam de contrárias ao ordenamento jurídico brasileiro. A Agência Brasil repete uma fala de Bolsonaro que fala que anistia faz parte da Constituição Brasileira, o que não é possível para crimes contra a democracia (León, 2024); o Poder 360 ressalta declaração do ex-presidente de que os ata-

ques aos três poderes eram manifestações de esquerda, o que não encontra respaldo na realidade (De Santi, 2024); e o G1 cita uma fala de Bolsonaro na qual ele teria feito uma transição de governo pacífica (UOL, 2022), o que é mentira.

Uma identificação comum é de Bolsonaro como réu, porém construída de forma passiva, em que ele é alçado por esta condição por meio de decisão do Poder Judiciário. No G1, “a Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu por unanimidade tornar réus o ex-presidente e mais sete aliados por tentativa de golpe em 2022” (TV Globo e g1 SP, 2025), enquanto, no Poder 360, “Bolsonaro virou réu na Corte na investigação de envolvimento na tentativa de golpe de Estado em 2022” (Poder 360, 2025a). A Agência Brasil faz a identificação de Bolsonaro como réu de forma indireta com a menção ao fato de que “Todos os oito réus, incluindo o próprio Bolsonaro, foram denunciados pelo procurador-geral da República, Paulo Gonet” (Cruz, 2025). São construções que estabelecem vieses críticos sobre a tentativa de golpe ou o processo, mas que apenas situam a decisão judicial de forma protocolar.

Em síntese, a manifestação é apresentada como parte do jogo democrático, em que diferentes tendências políticas se manifestam, mesmo que o grupo em questão tenha propostas radicalizadas contra a própria democracia. Bolsonaro é a síntese do movimento, que na cobertura jornalística

Figura 5

Poder 360, G1 e Agência Brasil com as listas de apoiadores de Bolsonaro



POLÍTICOS MARCAM PRESENÇA
Congressistas e governadores participaram do ato bolsonarista:

- **Tarcísio de Freitas** (Republicanos), governador de São Paulo;
- **Romeu Zema** (Novo), governador de Minas Gerais;
- **Jorginho Mello** (PL), governador de Santa Catarina;
- **Flávio Bolsonaro** (PL-RJ), senador;
- **Rogério Marinho** (PL-RN), líder da Oposição no Senado;
- **Carlos Portinho** (RJ), líder do PL no Senado;
- **Zucco** (PL-RS), líder da Oposição na Câmara;
- **Sóstenes Cavalcante** (RJ), líder do PL na Câmara;
- **Magno Malta** (PL-ES), senador;
- **Gustavo Gayer** (PL-GO), deputado federal;
- **Carlos Bolsonaro** (PL-RJ), vereador do Rio;
- **Renan Bolsonaro** (PL-SC), vereador de Balneário Camboriú.



O ato, **que reuniu cerca de 12 mil pessoas**, começou por volta das 14h perto do vão livre do Museu de Arte de São Paulo (Masp). **Além de Bolsonaro, estiveram na manifestação:**

- **Tarcísio de Freitas** (Republicanos), governador de São Paulo
- **Romeu Zema** (Novo), governador de Minas Gerais
- **Cláudio Castro** (PL), governador do Rio de Janeiro
- **Jorginho Mello** (PL), governador de Santa Catarina
- **Marcos Rogério** (PL), senador por Rondônia
- **Flávio Bolsonaro** (PL), senador pelo Rio de Janeiro
- **Magno Malta** (PL), senador pelo Espírito Santo
- **Valdemar Costa Neto**, presidente do PL



Além de Bolsonaro, o ato contou com a presença do pastor evangélico Silas Malafaia, principal organizador do ato, e dos governadores Tarcísio de Freitas (São Paulo), Romeu Zema (Minas Gerais) e Jorginho Mello (Santa Catarina). Todos eles subiram ao caminhão de som que foi posicionado ao lado do Parque Trianon, no cruzamento entre a Avenida Paulista e a Rua Peixoto Gomide.

Vestidos de verde e amarelo, os apoiadores do ex-presidente estiveram concentrados na tarde deste domingo em apenas um quarteirão da Avenida Paulista, em frente ao Parque Trianon, entre a Rua Peixoto Gomide — onde estava o caminhão com as autoridades — e o Museu de Arte de São Paulo (Masp). Havia também uma concentração de apoiadores em frente à sede da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

Nota. Do Nem preciso ser presidente, diz Bolsonaro na av. Paulista, por Poder 360, 29 de junho de 2025a (<https://www.poder360.com.br/poder-brasil/nem-preciso-ser-presidente-diz-bolsonaro-na-av-paulista/>); Em ato na Paulista, Bolsonaro se defende de acusações e pede apoio para eleger 50% do Congresso, por TV Globo e g1 SP, 29 de junho de 2025, G1 (<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/06/29/ato-avenida-paulista-domingo.ghml>); e Ato em SP reúne apoiadores de Bolsonaro contra julgamento no STF, por E. P. Cruz, 29 de junho de 2025, Agência Brasil (<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2025-06/ato-em-sp-reune-apoiadores-de-bolsonaro-contra-julgamento-no-stf>), com edição dos autores.

é apresentado como democrático, mesmo desqualificando a tentativa de golpe de Estado perpetrada por seus partidários. A camisa verde e amarela, mais do que uma simples vestimenta é o símbolo que significa a unidade deste grupo, não somente como tendência política, mas como síntese do que é de fato o povo brasileiro.

A cobertura da imprensa e a comunicação pública democrática

A cobertura jornalística a respeito da manifestação reflete a relação de poder entre líder e povo populista. A ideologia radicalizada da extrema-direita mobiliza não somente por um slogan, como o “Justiça Já”, utilizado em 29 de junho para pedir anistia da tentativa de golpe para Jair Bolsonaro e os invasores das instituições públicas em Brasília. É um movimento construído também no “estar no mundo”, que inclui a vestimenta à semelhança dos líderes do movimento. A camisa verde e amarela, então, representa o elo entre o grupo, representado de forma amorfa na cobertura midiática, e o líder que discursa ao microfone.

Diante deste quadro, a cobertura jornalística da manifestação analisada tem a oportunidade de discutir o caráter de radicalização e extremismo por meio das informações relacionadas aos ataques às sedes dos três poderes em 8 de janeiro de 2023 e seus desdobramentos judiciais. A opção dos veículos analisados é por situar o movimento de 29 de junho de 2025

como parte da paisagem de manifestações democráticas, em que um grupo se posiciona a favor ou contra aquilo que o afeta. Em veículos de diferentes orientações empresariais e políticas chama a atenção a escolha por caminhos semelhantes de cobertura jornalística. É uma “suavização” da postura ideológica, absorvendo o radical como parte do processo político.

A edição da imagem da manifestação feita pela Agência Brasil, em que uma placa pedia o *impeachment* da ministra Cármen Lúcia, pode indicar a opção dos veículos pela neutralidade. Ao invés de problematizar a presença da placa, esclarecendo aos leitores que se trata de um ataque às instituições democráticas, o portal exclui o item para evitar qualquer tipo de polêmica. Mais contundente é a reprodução de falas distorcidas ou mentirosas dos líderes da manifestação pelos três portais sem contestação, assim como a falta de esclarecimento sobre o quanto as ações dos Estados Unidos e de Israel, cujas bandeiras se destacavam entre a multidão, estavam a ferir a soberania nacional e o processo democrático, no caso do Brasil com os Estados Unidos, e o direito à vida e às condições básicas de sobrevivência, no caso do genocídio promovido por Israel contra os palestinos da faixa de Gaza.

A opção dos veículos noticiosos pela suavização das críticas é problemática para as sete dimensões da democracia qualificadas pela comunicação pública, e ao

menos duas merecem atenção. Na medida em que as ocorrências danosas à democracia no ato do dia 29 de junho não são esclarecidas de forma ampla e irrestrita, a *discussão e o debate de opiniões* não se desenvolvem como um debate aberto e livre, com todos os participantes tendo acesso a informações completas sobre o tema de interesse público em questão, já que é apresentado o acontecimento como parte do jogo democrático, sem a contextualização necessária de que o ato tem potencial corrosivo para a própria democracia. Com isso *monitoramento e vigilância sobre o poder político* se torna esmaecido na medida em que a imprensa não age de acordo com o papel que lhe cabe, e a opinião pública se forma com base em informações incompletas. O resultado é que o movimento simbólico promovido pela manifestação, em que a camisa da seleção brasileira se destaca como item semiótico mais relevante, não sofre contestação, colaborando para a ideia de que o grupo identificado pelo símbolo verde amarelo é de fato a nação brasileira.

Considerações finais

A relação entre a apropriação da camisa da seleção brasileira com o populismo, a comunicação pública e a democracia mostra o sentido dado à vestimenta no contexto político como a concretude para uma relação de poder expressa entre o líder populista e o seu povo. Pode-se inferir que a cadeia equivalencial de demandas é expressa pela vestimenta, e que, ao se

apropriar de um símbolo que em um passado recente aglutinava um dos aspectos importantes do Brasil, constituindo a unificação popular em torno do futebol, elemento importante da nossa cultura, reivindica para si a legitimidade do verdadeiro povo brasileiro, assim como das pautas que defende.

A abordagem da democracia na cobertura midiática das manifestações implica pensar sobre a democracia em reflexões críticas e que situem a radicalização em seus devidos termos, o que falta no G1, no Poder 360 e na Agência Brasil na cobertura em questão. Capitular diante de manifestações de uniformizados contra o sistema judiciário, em prol da anistia a não-condenados e com discurso extremista é, na prática, colocar em segundo plano a defesa da democracia ameaçada pelo grupo político em questão.

A concatenação entre a camisa, a dinâmica da cobertura sobre a manifestação e a comunicação pública aponta para a contribuição da mídia na consolidação da ideia de que a parcela da população identificada pelo símbolo imagético totaliza a noção de povo brasileiro e, nessa esteira, suas demandas. Esse processo tende a fragilizar o debate público sobre a defesa da democracia, pois naturaliza a relativização da relevância da democracia nas sociedades contemporâneas, o que abre caminho para a corrosão da democracia a partir de suas bases, fenômeno cada vez mais presente nas sociedades atuais.

REFERENCIAS

- Bachini, N., Oliveira, L. e Cará, F. A. (2023). Onde está o povo? Comunicação digital e populismo nas eleições de 2018. *Tempo Social*, 35(3), 193-216. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2023.210794>
- Band Jornalismo. (2025, 29 de junho). *AO VIVO: Bolsonaro reúne apoiadores em ato na Avenida Paulista* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=4yMPMbJs93k>
- Cruz, E. P. (2025, 29 de junho). *Ato em SP reúne apoiadores de Bolsonaro contra julgamento no STF*. Agência Brasil. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2025-06/ato-em-sp-reune-apoiadores-de-bolsonaro-contra-julgamento-no-stf>
- De la Torre, C. (2019). Populismos autocráticos messiânicos na história recente das Américas. *Revista Eco-Pós*, 22(2), 34-65. <https://doi.org/10.29146/ecopos.v22i2.27392>
- De Santi, M. (2024, 4 de janeiro). *8 de janeiro - Democracia Restaurada*. Radio Senado. <https://www12.senado.leg.br/radio/1/reportagem-especial/2024/01/04/8-de-janeiro-democracia-restaurada>
- Esteves, J. P. (2011). *Sociologia da comunicação*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fairclough, N. (2001). *Discurso e mudança social*. Editora Universidade de Brasília.
- Franciscato, C. E. (2023, junho). A produção de conhecimento no jornalismo: transformações e renovações do cenário contemporâneo. Trabalho apresentado em *Anais do 27º Encontro Anual da COMPÓS*. <https://proceedings.science/compos/compos-2018/trabalhos/a-producao-de-conhecimento-no-jornalismo-transformacoes-e-renovacoes-do-cenario?lang=pt-br#>
- g1. (2025, 29 de junho). *No ápice, ato com Bolsonaro na Av. Paulista reuniu 12,4 mil pessoas, segundo metodologia da USP*. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/06/29/no-apice-ato-com-bolsonaro-na-av-paulista-reuniu-mais-de-12-mil-pessoas-segundo-metodologia-da-usp.ghtml>
- Incisa, L. (1998). Populismo. Em N. Bobbio, N. Matteucci y G. Pasquino (Orgs.), *Dicionário de política* (11.ª ed., Vol. 2, pp. 980-1002). Editora Universidade de Brasília.
- Kalil, I. O. (2018, outubro). *Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro*. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.
- Laclau, E. (2005). *La razón populista* (Trad. S. Laclau). Fondo de Cultura Económica.
- León, L. P. (2024, 13 de setembro). *Anistiar crimes contra democracia é inconstitucional, dizem juristas*. Agência Brasil. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2024-09/anistiar-crimes-contra-democracia-e-inconstitucional-dizem-juristas>

- Maitino, M. E. (2020). Populismo e bolsonarismo. *Cadernos Cemarx*, 13, e020002. <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/ce marx/article/view/13>
- Mendonça, R. F. (2018). Dimensões democráticas nas jornadas de junho: reflexões sobre a compreensão de democracia entre manifestantes de 2013. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 33(98), e339707. <https://doi.org/10.1590/339707/2018>
- Miguel, L. F. (2017). *Consenso e conflito na democracia contemporânea*. Editora Unesp.
- Moffitt, B. (2016). *The global rise of populism: Performance, political style, and representation*. Stanford University Press.
- Mudde, C. (2004). The populist zeitgeist. *Governance and Opposition*, 39(4), 541-563. <https://doi.org/10.1111/j.1477-7053.2004.00135.x>
- Pacheco, C. e Prata, P. (2024, 8 de janeiro). 8 de Janeiro: boatos falsos sobre 'infiltrados' continuam a circular um ano depois dos ataques. *Estadão*. <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/8-de-janeiro-boatos-falsos-sobre-infiltrados-continuam-a-circular-um-ano-depois-dos-ataques/?srsltid=AfmBOor52Uf9yQMd-Kaf4tHC-MDqp-kcy9K9RHVvrwtPe8fwlQRyY-NDHS>
- Paulino, F. O. e Waisbord, S. (2021). Las narrativas del populismo reaccionario: Bolsonaro em Twitter durante la pandemia. *Mediapolis – Revista de Comunicación, Journalism and Espaço Público*, (12), 33-48. https://doi.org/10.14195/2183-6019_12_2
- Pinheiro, M. F. (2021). *Intervenções privadas na comunicação pública do governo de Jair Bolsonaro: os vieses moralistas e religiosos* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Institucional da UFRGS. <http://hdl.handle.net/10183/231846>
- Poder 360. (2025a, 29 de junho). *Nem preciso ser presidente, diz Bolsonaro na av. Paulista*. <https://www.poder360.com.br/poder-brasil/nem-preciso-ser-presidente-diz-bolsonaro-na-av-paulista/>
- Poder 360. (2025b, 29 de junho). *“Jamais passaria faixa a um ladrão”, diz Bolsonaro em ato na Paulista*. <https://www.poder360.com.br/poder-eleicoes/jamais-passaria-faixa-a-um-ladrao-diz-bolsonaro-em-ato-na-paulista/>
- Poder 360. (2025c, 29 de junho). *Leia e assista à íntegra do discurso de Bolsonaro em ato em São Paulo*. <https://www.poder360.com.br/poder-brasil/leia-e-assista-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-em-ato-em-sao-paulo/>
- Poder 360. (2025d, 29 de junho). *Bolsonaro reúne 12.400 em ato na avenida Paulista, dizem USP e ONG*. <https://www.poder360.com.br/poder-brasil/bolsonaro-reune-12-400-em-ato-na-avenida-paulista-diz-usp/>
- Pontes, F. (2025, 18 de julho). *Bolsonaro fez flagrante confissão de obstrução de Justiça, diz Moraes*. Agência Brasil. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2025-07/bolsonaro-fez-flagrante-confissao-de-obstrucao-de-justica-diz-moraes>

- Richter, A. (2025, 13 de setembro). *Bolsonaro pode ser preso até dezembro se recursos forem rejeitados*. Agência Brasil. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2025-09/bolsonaro-pode-ser-preso-ate-dezembro-se-recursos-forem-rejeitados>
- Reese, S. D. (2022). The institution of journalism: Conceptualizing the press in a hybrid media system. *Digital Journalism*, 10(2), 253-266. <https://doi.org/10.1080/21670811.2021.1977669>
- Rosanvallon, P. (2020). *El siglo del populismo* (Trad. I. Agoff). Galaxia Gutenberg.
- STF. (2025, 13 de setembro). #EP163 - Supremo na Semana [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=QC1POXy7C28&list=PLippyY19Z47uV-fUBc_DlZrQpnnqmnPkTo&index=4
- Supremo Tribunal Federal. (2025a, 18 de julho). *STF impõe medidas cautelares a ex-presidente Jair Bolsonaro por coação, obstrução e atentado à soberania nacional*. <https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/stf-impoe-medidas-cautelares-a-ex-presidente-jair-bolsonaro-por-coacao-obstrucao-e-atentado-a-soberania-nacional/>
- Supremo Tribunal Federal. (2025b, 22 de julho). *STF confirma medidas cautelares impostas ao ex-presidente Jair Bolsonaro*. <https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/stf-confirma-medidas-cautelares-impostas-ao-ex-presidente-jair-bolsonaro/>
- Supremo Tribunal Federal. (2025c, 4 de agosto). *STF determina prisão domiciliar do ex-presidente Jair Bolsonaro por descumprimento de medidas cautelares*. <https://noticias.stf.jus.br/posts-noticias/stf-determina-prisao-domiciliar-do-ex-presidente-jair-bolsonaro-por-descumprimento-de-medidas-cautelares/>
- Tavares, L. J. S. (2025). Fundamentos da teoria do populismo no bolsonarismo: a idealização do “povo-uno” e o antagonismo. Em R. de C. Marques (Org.), *Anais do 33º Simpósio Nacional de História*. Associação Nacional de História. <https://www.snh2025.anpuh.org/trabalho/view?q=eyJwYXJhbXMiOiJ7XCJRf9UUkFCQU-xIT1wiOlwiMjYwMVwifSIsImgiOiI-oY2E3ZTEoNzc3YzAoNGFhOTNhOG-QoMzAzZmEwYjkzNyJ9>
- TV Globo e g1 SP. (2025, 29 de junho). *Em ato na Paulista, Bolsonaro se defende de acusações e pede apoio para eleger 50% do Congresso*. G1. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/06/29/ato-avenida-paulista-domingo.ghtml>
- UOL. (2022, 28 de novembro). *Chico: Bolsonaro ignora ‘Brasil acima de tudo’ ao não ajudar em transição*. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/11/28/bolsonaro-transicao-lula.htm?cmpid=co-piaecola>
- Vieira, V. e Resende, V. de M. (2016). *Análise de discurso (para a) crítica: O texto como material de pesquisa* (2.ª ed.). Pontes Editores.

- Waisbord, S. (2013). Populismo e mídia: o neopopulismo na América Latina. *Contracampo*, (28), 26-52. <https://doi.org/10.22409/contracampo.voi28.617>
- Weber, M. H. (2017). Nas redes de comunicação pública, as disputas possíveis de poder e visibilidade. Em M. H. Weber, M. P. Coelho e C. Locatelli (Orgs.), *Comunicação pública e política: pesquisa e prática* (pp. 23-56). Insular.
- Weber, M. H. e Locatelli, C. (2023). Comunicação Pública e a qualidade da democracia. Em R. F. Mendonça e R. Sarmento (Orgs.), *Crises da democracia e esfera pública: debates contemporâneos* (pp. 211-233). Incipit; Editora UFMG.

Autores correspondientes: Carlos Augusto de França Rocha Júnior (carlosrocha.the@gmail.com), Muriel Felten Pinheiro (feltenmuriel@gmail.com)

Roles de autor: **Rocha, C.:** conceptualización; metodología; validación; investigación; escritura - borrador original; escritura, revisión y edición; visualización; supervisión; administración del proyecto; adquisición de fondos. **Pinheiro, M.:** conceptualización; metodología; validación; investigación; escritura - borrador original; escritura, revisión y edición; visualización; supervisión; administración del proyecto; adquisición de fondos

Cómo citar este artículo: Rocha Júnior, C. A. de F. y Pinheiro, M. F. (2026). Populismo e jornalismo na apropriação da camisa da seleção brasileira de futebol por Jair Bolsonaro em 29 de junho de 2025. *Conexión*, (25), 427-458. <https://doi.org/10.18800/conexion.202601.014>

Este es un artículo de acceso abierto distribuido bajo los términos de Licencia Creative Commons Atribución 4.0 Internacional (CC BY 4.0), que permite el uso, la distribución y la reproducción sin restricciones en cualquier medio, siempre que se cite correctamente la obra original.